

SHIRLEY SOUZA

ALEX
CLARON

E OS GUARDIÕES
DA ESCURIDÃO



SUMÁRIO

PARTE I • LABIRINTO



I	Paredes de caixas	7
II	Realidade chamando.....	14
III	Questão de escolha	26
IV	E começa o fim de semana	32
V	Papel e tinta	47
VI	Domingo de inverno	51
VII	A semana começa quente.....	56
VIII	Nada mais será como antes.....	74

PARTE II • LUZ E ESCURIDÃO



IX	Uma noite de encontros	87
X	Um outro universo.....	100
XI	Anuar e Ciaran	112
XII	Um longo caminho	125
XIII	As Cavernas	140
XIV	Um jantar conturbado	148
XV	Essência.....	158
XVI	A marca dos Renegados	165
XVII	Um dia de aprendizado	173
XVIII	O encontro com a tempestade... ..	186

PARTE III • SOMBRIO



XIX	Alekssander Ciaran?	198
XX	Uma nova ameaça	208
XXI	O processo de cura	215
XXII	Conselho Anuar	220
XXIII	Aprendiz	232
XXIV	Evolução	245
XXV	Reencontro	257
XXVI	Nasce um guerreiro	263

• PARTE I •

LABIRINTO





I PAREDES DE CAIXAS

Ele corria sem saber para onde. Tudo estava sombrio ao seu redor. Uma fraca luminosidade espalhava-se pelo lugar, estranha, sem brilho. Tomava conta de todo o espaço como se fosse uma névoa. Uma neblina fina, friamente iluminada, esbranquiçada, que não vinha do teto, mas de toda a parte.

Fugia, mas não sabia do quê.

O lugar lembrava um imenso galpão abandonado, com caixas antigas empilhadas, esquecidas ali pelo tempo, formando paredes do que deveria ser um longo e intrincado labirinto.

As paredes de caixas erguiam-se tortuosas, com pelo menos quatro metros de altura, prometendo desmoronar a qualquer instante. Espalhavam-se por todos os lados, construindo caminhos. O teto, lá em cima, não era visível, parecia inalcançável, perdido na escuridão.

“Como cheguei aqui? Que lugar é esse? Por que estou correndo tanto?”

A única coisa que sabia era que devia continuar fugindo. Não podia ficar ali parado. *“Preciso escapar! Mas do quê? E para onde?”*

Ainda correndo, concluiu que a situação era absurda demais. Não havia motivo para aquela correria. Não era uma pessoa dada a exageros. Era racional. E muito ponderado, apesar de só ter quinze anos. A avó sempre dizia que era maduro para a idade. Pareceu estranho lembrar disso naquele momento.

Parou.

Estava ofegante, suado, cansado.

Respirou profundamente e olhou ao redor de si.

“Caixas e mais caixas. Só isso. E o caminho, é claro!

O caminho entre elas.

Parece um labirinto.

Mas por onde entrei?

Por onde vou sair?

O que eu faço?”

Sentou-se no chão para descansar e pensar. Descobrir o que de fato acontecia. Sua cabeça girava com o ritmo acelerado de sua pulsação e de seus pensamentos. Impossível focar.

Respirou mais uma vez, profundamente, buscando se acalmar.

Passou a mão na testa para tirar o suor e uma dor pulsante fez com que a retirasse instantaneamente do rosto. Sua palma estava vermelha e grudenta. Sangue! Somente agora, que havia tocado o ferimento, percebia sua testa latejando, ferida.

“Como isso aconteceu? Será que fui sequestrado? Um sequestro-relâmpago? Alguém bateu na minha cabeça e por isso não me lembro de nada? Cheguei aqui desacordado? Por que não senti dor antes?”

As perguntas não paravam de bombardear sua mente já abarrotada. Levantou-se de repente e sua visão escureceu. Teve uma vertigem.

Apoiou-se em uma das paredes de caixas e surpreendeu-se ao ver que ela era mais sólida do que parecia. Nada desmoronou ou sequer oscilou.

Esperou alguns instantes, de olhos fechados, para que o equilíbrio fosse recuperado e pudesse seguir andando devagar, um passo de cada vez, ainda sem saber para onde.

Caminhou até perder a noção de por quanto tempo estava nesse movimento e de qual direção viera. Apenas seguiu em frente e, quando não foi possível, optou pela esquerda ou pela direita, aleatoriamente.

Cada vez mais se convenciu de que o lugar era composto apenas por corredores e paredes feitas de caixas empilhadas. Não havia janelas. Pelo menos não via nenhuma. Mas também não via paredes... Quer dizer, não paredes de verdade, apenas aquelas de caixas.

Considerava estranho não ouvir som algum naquele lugar. Apenas o ruído de sua respiração ofegante e de seus passos ressoavam de forma seca. Tudo estava muito silencioso.

Um forte cheiro de mofo preenchia todos os caminhos, unindo-se com perfeição àquela neblina luminosa. Não era possível dizer se o odor vinha da névoa ou das caixas.

“O que está guardado nessas caixas? E se eu abrir uma delas? Posso encontrar algo útil...”

Não conseguia achar uma explicação lógica, apenas seguia o instinto que lhe dizia que o melhor era andar, andar, andar sem parar. Arrumar um jeito de sair logo dali e não perder tempo tentando abrir alguma caixa e correr o risco de fazer uma daquelas estranhas paredes desmoronar, chamando atenção para sua presença.

“Mas será que alguém sabe que estou aqui?”

Mais uma vez, tentou se concentrar e pensar em uma estratégia prática que o ajudasse a descobrir a saída do labirinto.

Lamentou o fato de não gostar de *videogame*. Nessa hora, talvez fosse útil ter jogado com Lucas, seu melhor amigo, aqueles muitos *games* de RPG, com labirintos intrincados. Lucas era viciado em computador e nesses jogos, mas ele não suportava *game* nenhum, tudo lhe parecia bobagem.

“Por que raios fui lembrar disso agora?”

Continuou caminhando, prestando atenção nas decisões que tomava, não queria ficar andando em círculos, passando infinitas vezes pelo mesmo corredor. Se tivesse um pedaço de papel, poderia tentar desenhar o caminho que seguia ou, pelo menos, se conseguisse algo com que marcar aquelas caixas, saberia se já havia passado em algum daqueles corredores.

Depois de bastante tempo, assumiu que estava exausto, sem forças ou ânimo para prosseguir. Aceitou que seria impossível descobrir a saída sem, antes, saber qual era sua posição no tal labirinto...
“Se é que é mesmo um labirinto... E como vou saber se é ou não, e pra que lado devo ir?”

Olhou para as paredes de caixas e concluiu que o único jeito seria escalar uma delas e analisar a cena lá do alto.

“Mas será que aguentarão a escalada? Ou irão desabar sobre mim?”

Nunca foi do tipo corajoso, muito menos atlético. Mas não via outra solução.

As caixas pareciam mal empilhadas umas sobre as outras, sem qualquer ordem ou forma de classificação, como: menores sobre as maiores ou materiais mais resistentes sob os materiais mais frágeis. Nem sequer existiam prateleiras entre elas. Eram caixas sobre caixas e mais caixas. Um cenário insólito!

Analizou as paredes ao seu redor. Algumas caixas eram de metal. Outras, talvez, de papelão, mas a maioria parecia ser de madeira. Madeira antiga, escurecida pelo tempo e, provavelmente, apodrecida por ele também.

“Têm tudo para desabar. Não dá para me arriscar a subir nelas.”

Talvez o melhor fosse desistir, não continuar andando... Apenas ficar parado e esperar algo acontecer.

“Esperar o quê?”

Se eu continuar caminhando, uma hora tenho de achar a saída. Não?”

Sentiu um peso apertar seu peito. Vontade de gritar, de chorar, de pedir ajuda...

“E se ninguém fizer ideia de que eu estou aqui, perdido?”

Parecia mesmo que o mais provável era que ninguém soubesse de seu paradeiro.

Foi então que ouviu...

O silêncio reinante ao redor acabara de ser rompido, como que respondendo às suas dúvidas: alguém ou alguma coisa parecia saber de sua presença.

De início, não foi possível definir o que ouvia. Era algo estranho.

Ainda assim, aquele som era o suficiente para qualquer um achar que o melhor seria que nada nem ninguém soubesse que ele estava ali. Aquele alerta em sua consciência, aquela estranha intuição que o fizera correr sem destino, gritava que esse desejo não seria realizado. Era tarde para querer voltar ao silêncio e à ilusão de estar só.

Seu corpo retesou-se, absolutamente imóvel. Parou até de respirar para não fazer qualquer ruído. Queria escutar de novo o barulho

e definir o que poderia ser. Instantes depois, ouviu mais uma vez.

Era um tipo de respiração. Forte. Ruidosa.

Pela potência do som, só poderia ser a respiração de alguma coisa muito grande. De algum animal, talvez.

Não dava para saber de onde vinha aquele ruído horrendo: ele emanava de todas as direções, como se fosse a respiração daquele labirinto maldito!

“Absurdo! Não faz sentido algum.

DROGA! Pra que lado devo ir?”

Outro som estranho cortou seus pensamentos. Diferente do primeiro. Algo se arrastava em um corredor próximo ao seu. Isso dava para definir: algo se arrastava. Quão próximo estava, ele não sabia dizer. Também era grande, muito grande: pelo barulho que fazia, era maior que qualquer animal de que se lembrava.

“O som da respiração parou. Será que esse negócio que se arrasta não é o mesmo que ouvi respirando? E se o que eu ouvi não foi uma respiração? E se foi essa coisa rastejante farejando o ar, sentindo onde está sua presa?”

No caso, ele.

Começou a correr, reunindo toda a força que ainda tinha.

E sua mente teimava em não se aquietar.

“Nunca gostei de histórias de terror, de perseguições, de improváveis seres gigantescos e cruéis devorando humanos. Por que agora tudo isso fica pipocando na minha cabeça?”

Estava difícil engolir a pouca saliva que ainda produzia. O peito garantia que iria explodir a qualquer instante. O medo revelou-se monstruoso, sem foco, absoluto.

Parou de novo, a poucos metros de mais uma encruzilhada do labirinto.

Tremia. Suava. A vista estava enevoada pelo mal-estar e pelo sangue misturado ao suor que escorria sobre seus olhos. Não conseguia apenas virar para a esquerda ou para a direita.

O barulho da coisa rastejando e farejando estava mais próximo, próximo demais.

A escolha pela direção errada poderia ser fatal.

Sentiu um arrepio profundo e doloroso, algo terrível aproximava-se e ele ali, imóvel, sem conseguir decidir para onde fugir.

Ouviu o barulho atrás de si. Virou-se e viu, no fim distante do corredor, a cabeça do que parecia ser uma serpente gigantesca. Ela vinha em sua direção, sem pressa, mas com determinação.

Ele permaneceu imobilizado por frações de segundo, encarando-a. Foi o tempo suficiente para ver que a cabeça da serpente era branca e lisa. Nesse breve instante, teve a sensação de que toda a luz do galpão emanava dela, de seu corpo albino. Era como se a névoa fracamente iluminada fosse apenas sua respiração, uma extensão dessa serpente gigantesca, algo que se desprendia dela e dominava o espaço sem esforço. Seus olhos brilhavam num tom de verde, frio, como se estivessem acesos, e ela era tão grossa quanto o tronco de uma árvore antiga.

Não esperou para ver o seu comprimento.

Saiu em uma correria desesperada para o lado esquerdo do labirinto.

Correu cerca de duzentos metros e percebeu que era um caminho sem saída.

“Não pode ser... E agora? Será que dá tempo de voltar?”

Se antes ele se considerava desesperado, descobriu que ainda era capaz de desesperar-se mais, que havia fronteiras desconhecidas de seu desespero.

Encostou-se na parede de caixas e fechou os olhos. Seu corpo tremia sem controle. Sentiu um choro inevitável sufocá-lo.

Concentrou-se para manter os olhos fechados, não suportaria ver tudo o que iria acontecer.

Tão perdido estava em seu universo de pavor que demorou para compreender o que ouvia:

– Ei! Aqui em cima! Ô, idiota! Abra os olhos antes que morra, imbecil!

Ele abriu os olhos, embaçados pelas lágrimas, pelo sangue, pelo suor, e voltou a cabeça para o alto.

Ficou chocado ao ver uma garota, mais ou menos da sua idade, sobre uma das paredes de caixas que encerrava o corredor. Parecia estar a uns quatro metros de altura e seu corpo fundia-se à escuridão.

Não era possível vê-la com nitidez, mas percebia que estava agachada, tinha os cabelos encaracolados presos em um rabo de cavalo, olhava para ele com olhos arregalados. No meio daquele turbilhão e do ambiente pouco iluminado, não viu a cor de seus olhos, mas notou uma pinta que ela trazia sob o olho esquerdo, bem no canto interno, como uma lágrima escura. Seus gestos revelavam que ela estava nervosa, mas sua voz não demonstrava isso. Transparecia apenas segurança e um autoritarismo exagerado:

– Isso! Muito bem... Agora, mantenha esses olhos abertos, menino, e suba aqui de uma vez. Vamos, rápido!

– O quê? Subir? Essas caixas vão desmoronar!

– Pode ser, mas essa é a única chance que você tem de sair daqui. E é melhor subir rápido – finalizou, apontando para a serpente que aparecia no corredor.

Ele reconheceu que essa era a única opção. Então, respirou fundo e passou a escalar a parede. Os dois primeiros metros estavam firmes e nem oscilaram com seu peso. Mas, como havia previsto, assim que atingiu uns três metros de altura, tudo começou a tremer. Ele continuou subindo, o mais determinado e firme que pôde, e, quando estava a menos de meio metro do topo da parede, sentiu tudo se desestruturar. As caixas balançaram. Seu pé esquerdo perdeu o apoio, ele escorregou e segurou em alguma coisa. Podia sentir a respiração da serpente muito próxima. Não tinha coragem de olhar para baixo, mas sabia que ela estava ali, pacientemente o esperando cair.